



POR DANIELLE NOGUEIRA

Imagine a seguinte situação. Candidatos a uma vaga de emprego aguardam no corredor da firma a última etapa do processo de seleção. Ao serem chamados, em vez de se sentarem para a entrevista, deitam num colchão e são submetidos a uma ressonância magnética funcional. Em 40 minutos, fica pronto o exame que revela se o candidato tem algum distúrbio de comportamento, se usa remédios para combater depressão ou até se é tímido demais. Características pessoais que não seriam identificadas nem pela mais acurada entrevista ou dinâmica de grupo são expostas com a mesma nitidez que a cor dos olhos dos aspirantes ao cargo, levando a empresa a descartar futuros "funcionários-problema". Uma vez aprovado, o candidato volta à sala em que fez a ressonância para a implantação sob a pele de um chip que permitirá ao chefe descobrir, por exemplo, se ele gasta mais tempo no almoço que o estipulado ou diz que vai num lugar, mas passa antes em outro. O cenário assustador descrito acima é fictício, mas está a um passo de virar realidade. Há dois meses, três membros de uma família residente na Flórida, nos Estados Unidos, implantaram na pele um chip que permitirá que sejam localizados em qualquer lugar do mundo. E, embora usados apenas para fins médicos, já existem no Rio pelo menos três aparelhos de ressonância magnética capazes de apontar quem sofre de depressão ou teve o cérebro danificado pelo álcool. "Não dá para mentir para a máquina como fazemos num questionário", diz o neurorradiologista Jorge Moll Neto, que trabalha no laboratório Labs e na rede de hospitais D'Or, os únicos equipados com o aparelho no Rio. Da mesma forma, já é possível dizer quem é extrovertido e quem tem medo de falar em público olhando apenas para o fluxo sanguíneo cerebral retratado na ressonância funcional. Não tardará muito até que a agressividade, a ansiedade ou a compulsão sejam detectadas com uma simples escaneada no cérebro. "Caminhamos para a travessia da última fronteira do privado, onde nem mais o corpo impõe limites", afirma o sociólogo Paulo César Manduca, do Núcleo de Estudos Estratégicos da Unicamp. ▶

Espionagem

Em nome da segurança, condomínios cariocas controlam o que os moradores fazem até na piscina. Daqui à pouco, o único lugar em que será possível ter privacidade é no banheiro

diária



JOÃO PAULO ENGLBRECHT

**EXAMES DE
RESSONÂNCIA
MAGNÉTICA FUNCIONAL
IDENTIFICAM QUEM
SOFRE DE DEPRESSÃO
COM UMA ESCANEADA
NO CÉREBRO**

Não são só os avanços na neurociência que, ao revelar o que o corpo esconde, ameaçam acabar com a privacidade. Desde o dia 10 de maio, Jeffrey Jacobs, 48, sua mulher Leslie, 46, e seu filho Derek, 14, guardam sob a pele um microchip do tamanho de um grão de arroz com centenas de informações pessoais como tipo sanguíneo, histórico de doenças ou reações alérgicas. Abastecido pelo calor do próprio organismo, o Verichip, fabricado pela Applied Digital Solutions, funciona como um código de barras. Basta passar um aparelho como o dos caixas de supermercado sobre o braço de algum membro da família Jacobs, e as informações aparecem na tela do computador. "Nem dá para perceber que estou com ele", disse Leslie à **Domingo**, por telefone, de Palm Beach, onde mora. Os Jacobs resolveram implantar o chip depois que Jeffrey sofreu um acidente de carro em 1995 e quase morreu porque a mulher não sabia informar aos médicos as drogas que ele usava (Jeffrey tem câncer e toma dez pilulas por dia). Mas há candidatos ao implante que querem o chip justamente para poder serem localizados em qualquer lugar. A Applied Digital Solutions está desenvolvendo uma nova versão do Veri-

chip que, além de armazenar informações, emitirá sinais eletrônicos captados por satélites que permitirão localizar o portador em qualquer lugar do planeta. Um cachorro perdido ou uma vítima de seqüestro seriam encontrados em menos de uma hora. Foi justamente o medo de seqüestro que levou o empresário paulista Antonio Cunha Lima a procurar a empresa americana e entrar na fila para receber o chip. Seu implante foi marcado para novembro. "O chip é um instrumento revolucionário que une saúde e segurança", justifica Cunha Lima, que deverá ser o primeiro brasileiro a ter um microchip no corpo.

A primeira vista, esse tipo de tecnologia só traz benefícios ao usuário. O grande perigo é que - assim como acontece com os avanços proporcionados pela engenharia genética - ninguém sabe quem terá acesso a essas informações e que uso fará delas. O Conselho Nacional de Trânsito (Contran), por exemplo, planeja implantar chips em todos os veículos fabricados no Brasil ainda este ano. O dispositivo armazenará dados do veículo (cor, modelo, ano de fabricação, nome do proprietário) e informações como multas e impostos não-pagos. Essas infor-

mações poderão ser lidas a 20m de distância por aparelhos instalados em postos rodoviários. Se o IPVA não foi pago, o policial é alertado pelo chip e tem tempo de parar o veículo para fazer a cobrança.

Na pele ou no carro, os chips são a maneira mais eficaz já inventada de controlar o vaivém das pessoas e o que elas estão fazendo de errado. No Rio e em São Paulo, pais zelosos usam a eletrônica para vigiar seus filhos quando estão dirigindo e impedi-los de sair da cidade ou de ultrapassar determinada velocidade. Por R\$ 2.800, empresas como a carioca Guard One e a paulista Graber instalam no carro um microprocessador que permite ao proprietário determinar a área em que o veículo pode circular livremente. Uma vez ultrapassados os limites do mapa, a chamada cerca eletrônica, o combustível é cortado, frustrando a viagem que a garota da faria em segredo. E não precisa nem voltar para a casa para receber a bronca. Anexado ao microprocessador, um telefone celular se encarrega de enviar um torpedo no momento em que o plano é abortado. Mora-

dor de São Paulo e pai de uma garota de 18 anos e de um rapaz de 22, o empresário uruguaio Paulo Ramos decidiu rastrear o casal depois que o carro da filha foi roubado em janeiro e o filho foi assaltado no trânsito no mês seguinte. "Fico muito preocupado com a violência. Saber que posso localizá-los a qualquer momento me deixa mais tranquilo", diz Ramos.

A insegurança é a justificativa mais comum para gente como Ramos e Cunha Lima que, por conta própria, abre mão da privacidade. Embora tenham optado por soluções extremas, os dois não fazem nada muito diferente dos moradores de condomínios fechados que espalham câmeras para gravar tudo o que acontece ali dentro. Um morador do Alfa Barra que trabalhe no Città-America e faça ginástica na academia KS, tudo na Barra, só consegue ficar longe dos olhos eletrônicos dentro de casa. Nos 22 prédios do condomínio, 180 câmeras vigiam corredores, elevadores e até a piscina, repassando para a central de segurança som e imagem 24 horas por dia. Da porta de casa até sair da garagem, o morador pas-

DEREK JACOBS FOI O PRIMEIRO A RECEBER O VERICHIP (ABAIXO). O DISPOSITIVO CONTÉM INFORMAÇÕES COMO NOME, TELEFONE E HISTÓRICO DE DOENÇAS

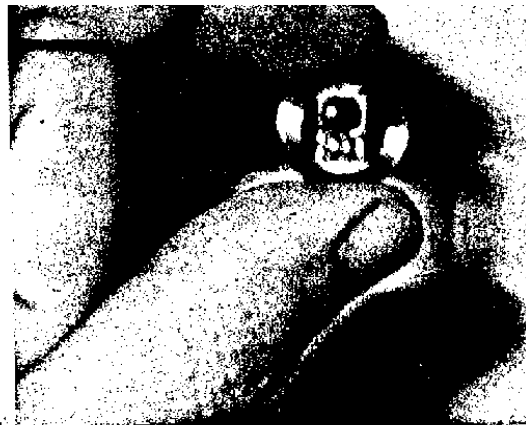


FOTOS DIVULGAÇÃO/APPLIED DIGITAL SOLUTIONS



sa por no mínimo sete câmeras. Para chegar ao escritório no Città-America, será observado por mais sete aparelhos. Na academia, a primeira aparição é logo na recepção. Nas salas de ginástica e nos corredores, mais nove gravam papo, paquera e malhação. Se ainda sobrar tempo para fazer compras no BarraShopping, não terá como escapar de 20 das 180 câmeras espalhadas no lugar. Ao fim do dia, terá sido filmado por 44 aparelhos – nove a mais que os moradores da casa cenográfica do *Big Brother Brasil*. “Vivemos na sociedade na superexposição. É como se a nossa vida tivesse se transformado num espetáculo”, diz João Maia, professor da Faculdade de Comunicação da Uerj.

Os espectadores desse espetáculo não são só porteiros e seguranças. Há um mês, foi instalado num condomínio no Alto Leblon um novo sistema que permite aos moradores de cada um dos 192 apartamentos observar o que as 14 câmeras distribuídas pelos quatro blocos captam. Para ver o vizinho arrumando o cabelo ou passando batom no elevador, basta acessar a internet. Outros 14 condomínios cariocas per-



DIVULGAÇÃO/WORLD SECURITY SYSTEMS

mitem que os moradores controlem de suas casas o que acontece nas áreas comuns. “Vivemos um paradoxo. Ao erguer cercas e muros com o pretexto de dar mais segurança, os condomínios privatizam o espaço público. Mas esse espaço termina não tendo nada de privado porque é penetrado a todo momento por um mecanismo de controle como as câmeras”, diz Luis Antonio Baptista, professor de psicologia da UFF e autor do livro *A cidade dos sábios: a dinâmica social nas grandes cidades*.

A preocupação demasiada com segurança gera exageros. Em abril, o centro da pacata Novo Hamburgo, a 40km de Porto Alegre (RS) e

**NO ALFA BARRA, 180
CÂMERAS REGISTRAM
OS PASSOS DOS
MORADORES PELOS
16 MIL METROS
QUADRADOS DO
CONDOMÍNIO.
ATÉ CONVERSA NA
PISCINA É GRAVADA**



FELIPE VARANDA

NA PÁGINA AO LADO,
CHIP QUE PERMITE
RASTREAR
INADEMPÊNCIA À
DISTÂNCIA. ABAIXO,
CÂMERAS MONITORAM
O CENTRO DE NOVO
HAMBURGO (RS)



com 235 mil habitantes, passou a ser monitorado por 13 câmeras. O número de roubo a pedestre baixou de dez para cinco, nada que um policiamento mais ostensivo não fosse capaz de fazer. Embora no Brasil a quebra da privacidade em nome da segurança ainda encontre boa aceitação – no condomínio do Alto Leblon a instalação das câmeras foi aprovada por unanimidade entre os condôminos –, em outros países ela já começa a ser questionada. Em fevereiro de 1998, centenas de nova-iorquinos foram às ruas protestar contra a instalação de câmeras na Washington Square. A vigilância eletrônica fazia parte da política de segurança do então prefeito Rudolph Giuliani para conter o tráfico de drogas na região. Os internautas também reclamam muito da falta de privacidade. Segundo pesquisa da empresa Cyber Dialogue, 27% dos americanos não fazem compras online por medo de que informações pessoais sejam reveladas na rede, o que causa prejuízo de US\$ 6,2 bilhões às lojas virtuais. No Brasil, as compras via internet não param de crescer. Só na cadeia de supermercados Zona Sul, as vendas online representam 6,5% do faturamento. Em 97, os pedidos pela internet não chegavam a 1% das vendas. Todas as compras são armazenadas em um banco de dados que permite ao supermercado

traçar um acurado perfil dos clientes. Este ano, por exemplo, todos os compradores com filhos ganharam merenda no início do ano letivo. "As pessoas estão dispostas a revelar informações pessoais em troca da comodidade", diz Jaime Xavier, diretor comercial do Zona Sul.

Com a chegada da TV interativa no próximo semestre, o marketing personalizado ganhará ainda mais força. Se o espectador gostar da roupa que determinado personagem da novela estiver usando, basta apertar um botão e as opções de cor e preço aparecerão na tela. A compra é imediata. Baseando-se nessas aquisições, as redes de TV descobrem os hábitos de consumo de cada espectador e passam a transmitir na casa dele comerciais que se encaixem no perfil. "Esse mecanismo invasivo da publicidade gera exclusão. Se eu comprei apenas blazers sofisticados não significa que eu não goste de camisetas. Ao me oferecer produtos somente de acordo com meu histórico de consumo, as empresas limitam possibilidades", diz a especialista em banco de dados Luciane Lucas, da Uerj. As operadoras de cartão de créditos também sabem direitinho o perfil de consumo de seus clientes. Só no ano passado, 35,3 milhões de brasileiros fizeram compras com o cartão. É um riquíssimo banco de dados, que as operadoras repassam para lojas e seguradoras, mesmo sem o consentimento dos clientes.

No trabalho, os hábitos dos empregados também vêm sendo monitorados de perto pelos patrões. Em maio de 2001, Elielson Lourenço do Nascimento foi demitido do HSBC por ter usado o correio eletrônico da empresa para repassar fotos pornográficas. Em maio deste ano, foi a vez de 11 funcionários da General Motors irem para a rua pelo mesmo motivo. Os exemplos acima não são casos isolados. Levantamento da consultoria americana Personneltoday mostra que uma em cada quatro grandes empresas já demitiu por uso inadequado da internet. Essas companhias possuem softwares que registram os sites visitados pelos funcionários e garimpam as mensagens enviadas e recebidas através de palavras-chaves. Dessa forma, conseguem saber se o chefe está sendo alvo de críticas pela intranet ou se os funcionários visitam sites que incitam o nazismo, por exemplo. Em tese, os empregados deveriam ser alertados de que estão sendo vigiados. Mas a maioria só descobre quando vem a punição. "A internet é a maior experiência de perda de privacidade na história", diz Nelhemias Gueiros, professor de Direito Autoral da Fundação Getúlio Vargas. Cabe à sociedade estabelecer limites para que a cena descrita no início dessa reportagem não vire realidade. ❖